

Sergio Bernardes, um carioca na Amazônia: utopias e projetos (1968-1983)

Sergio Bernardes, a carioca in the Amazon: utopias and projects (1968-1983)

Sergio Bernardes, un carioca en la Amazonía: utopías y proyectos (1968-1983)



Claudia Helena Campos Nascimento*¹

¹Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima; Doutoranda no PPGAU-UFPa e no DINTER Tríplice Fronteira Norte (PROARQ-UFRJ/UFRR).

*Correspondência: claudia.nascimento@ufr.br

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Artigo recebido em 07/02/22 aprovado em 05/11/22 publicado em 30/12/2022.

RESUMO

O artigo busca apresentar os resultados da pesquisa prospectiva das obras e projetos de autoria do arquiteto Sergio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro/RJ, 1919-2002), seu escritório Sergio Bernardes Associados e o Laboratório de Investigações Conceituais, para a Amazônia. A investigação sobre esse tema se inicia em 2015 e vem aportando dados sobre a existência desse acervo arquitetônico relevante para a região, sobre tão importante arquiteto modernista da chamada Escola Carioca, cujo objetivo é compreender as relações históricas da modernidade, a partir de sua obra, e o contexto em que se insere, isso é, as décadas de 1960 a 1980. Partimos da revisão de fontes e dados coletados em campo e a partir da bibliografia disponível sobre o tema, acrescido de informações de semanários e jornais diários, de grande relevância, assim como informações provenientes de outras bases documentais. Esses dados, que se configuram em pesquisa em andamento, apontam para a existência de importantes contribuições de Sergio Bernardes para a Amazônia, tanto como cultura arquitetônica quanto em sua inserção projetual em diálogo com as políticas desenvolvimentistas do período.

Palavras-chave: Sergio Bernardes; Amazônia; Décadas de 1960-1980.

ABSTRACT

The article seeks to present the results of prospective research on works and projects by the architect Sergio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro/RJ, 1919-2002), his office Sergio Bernardes Associados and the Laboratório de Investigações Conceituais (Laboratory of Conceptual Investigations), to Amazon. The investigation on this topic began in 2015 and has been providing data on the existence of this architectural collection relevant to the region, on such an important modernist architect of the so-called Escola Carioca, whose objective is to understand the historical relations of modernity, based on his work and the context in which it is inserted, that is, the decades from 1960 to 1980. We start from the review of sources and data collected in the field and from the available bibliography on the subject, plus information from weeklies and daily newspapers, of great relevance, as well as information from other documentary bases. These data, which are part of ongoing research, point to the existence of important contributions by Sergio Bernardes to the Amazon, both as an architectural culture and in its design insertion in dialogue with the developmental policies of the period.

Keywords: Sergio Bernardes; Amazon; Decades of 1960-1980

RESUMEN

El artículo busca presentar los resultados de una investigación prospectiva sobre obras y proyectos del arquitecto Sergio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro/RJ, 1919-2002), su despacho Sergio Bernardes Associados y el Laboratorio de Investigaciones Conceptuales, para Amazon. La investigación sobre este tema se inició en 2015 y ha ido aportando datos sobre la existencia de este acervo arquitectónico relevante para la región, sobre tan importante

arquitecto modernista de la llamada Escola Carioca, cuyo objetivo es comprender las relaciones históricas de la modernidad. , a partir de su obra y del contexto en el que se inserta, es decir, las décadas de 1960 a 1980. Partimos de la revisión de fuentes y datos recogidos en campo y de la bibliografía disponible sobre el tema, más información de semanarios y diarios, de gran relevancia, así como información procedente de otras bases documentales. Estos datos, que forman parte de una investigación en curso, apuntan a la existencia de importantes aportes de Sergio Bernardes a la Amazonía, tanto como cultura arquitectónica como en su inserción proyectual en diálogo con las políticas desarrollistas de la época.

Descritores: Sergio Bernardes; Amazônia; Décadas de 1960-1980.

INTRODUÇÃO

Tento rever
Cada dia o sonho de
Cada noite
Em vão...
Vivo o dia
Vivo a noite
Em sonho...
Sergio Bernardes, 1975

Muito pode ser pensado a partir da inserção da arquitetura moderna na Região Amazônica, tanto sobre suas motivações quanto por suas consequências. Contudo, há um movimento indutor importante durante as décadas de 1960 e 1980 que se baseou nos planos desenvolvimentistas para o Brasil profundo, sob a retórica da integração e do progresso baseados na promoção de atividades econômicas e de colonização.

Na pesquisa sobre esse cenário amazônico surge, há poucos anos, uma personagem que, por sua própria natureza, é controversa e genial. Sergio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro, 1919-2002) foi um dos arquitetos mais relevantes da segunda geração de modernista brasileiros, no contexto da posteriormente denominada Escola Carioca. Sua produção ampliou o campo de visão da atuação da arquitetura moderna brasileira do período, sendo ativo tanto na edificação de exemplar arquitetura, quanto na proposição de planos macro e discussões teóricas. Apesar disso, salvo em alguns contextos, há um grande desconhecimento sobre ele, advindo de uma série de concepções de sua imagem pública ou construída no campo da historiografia da arquitetura brasileira (NASCIMENTO e CHAVES, 2021).

Na região norte, a única inserção projetual reconhecida se trata das propostas para o Hotel Tropical de Manaus, cuja execução não aconteceu por várias questões, mas que se configura como uma forte “relação entre a atividade turística como estratégia de modernização e integração Amazônica e os princípios modernos (...) [e como o] caráter utópico do projeto concebido por Sérgio Bernardes se alinhava à dimensão econômica, política e simbólica dos agentes envolvidos no processo” (PAIVA *et al*, 2016, p.1). Contudo, a partir de 2015, iniciam-se as incursões para o reconhecimento de um potencial projeto de Bernardes em Roraima, a Prefeitura de Caracaraí (NASCIMENTO *et al*, 2018), edificado na década de 1970 e, por consequência, a descoberta de outras obras sob sua assinatura na região amazônica.

A partir de então, grande esforço de pesquisa vem sendo empreendido para identificar a presença desse importante arquiteto da Escola Carioca da arquitetura moderna no processo de modernização da Amazônia, com alguns resultados consistentes em fontes. Antecipamos nesse artigo, que essa jornada ainda poderá ser ampliada em dados, tais como registros e desenhos, contudo, é importante destacar, que a presença irrefutável das obras desenvolvidas pelo escritório de Sergio Bernardes entre as décadas de 1960 e 1980 na região, são importante indício para a compreensão do período e de que forma a arquitetura moderna foi fundamental para a configuração da política desenvolvimentista e seu ideário.

O olhar de Bernardes sobre a Amazônia baseia-se em um processo de reflexão que se inicia no final da década de 1950, contudo sem uma atenção localizada. Sua concepção teórica e crítica inicia a partir das questões advindas dos “Bairros Obreiros”¹ e, conseqüentemente, sobre os problemas urbanos no Brasil, visto que entendia que “o urbanista, o arquiteto, o ecólogo, têm sempre, por definição, problemas globais. Por mais que tentem cingir-se ao microcosmo, estarão sempre colocados diante do macrocosmo” (BERNARDES, 1975, p. 20).

Diante desse panorama, desenvolvemos o artigo apresentando Bernardes sob essa perspectiva que se contrapõe ao senso comum de sua imagem forjada na historiografia da arquitetura brasileira, identificando os nexos entre a construção sistemática de uma concepção dita utópica e a consecução de suas ideias que, para ele, eram eutopias², visto que “Utopia seria pensar que tal plano será realizado amanhã ou daqui a um século. Realismo é saber que ele pode ser feito” (BERNARDES, 1965, p. 43). Esse tempo-lugar é importante e definidor, tanto para a Amazônia quanto para a biografia de Sergio Bernardes, pois denotarão uma mudança de rota em ambos os cenários.

UMA MODERNIDADE CARIOCA DIFERENCIADA

Não julgo necessária a constituição de um panorama da forma como se construiu a historiografia canônica da arquitetura moderna brasileira. O protagonismo do olhar de Lúcio Costa (1902-1998)

pautou essa escrita, a partir da sua perspectiva própria de modernidade, surgindo Brasília como marco definidor de um antes e um pós para a arquitetura moderna brasileira. Não podemos nos furtar, contudo, de observar que concomitantemente à construção de Brasília já haviam vozes críticas sobre o movimento moderno, como um todo. O Congresso Internacional dos Críticos de Arte, ocorrido em 1959, um ano antes da inauguração de Brasília, uma das cidades-sedes do evento, vai ser importante para descolar a perspectiva corbusiana da arquitetura moderna. Arquitetos relevantes, como Sergio Bernardes, vão buscar construir novos caminhos para o cenário.

Os escritos sobre Sergio Bernardes o descrevem em poucas palavras: o *bon vivant* e o utópico, em cada uma de suas fases da vida. Sobre esses pontos de vista existem muitas linhas, que reafirmam essas personas. O objetivo desse ensaio é começar a revelar algo não-dito sobre esse arquiteto, embora alguns lugares-comuns tenham que ser reafirmados, para situar o contraponto.

Filho do jornalista Wladimir Bernardes, aos treze anos abre uma oficina de maquetes e começa suas experimentações, que percorreram da carpintaria e marcenaria aos motores de automóveis. Embora tenha se graduado em 1948, já havia projetado uma residência para um amigo dos pais, com quinze anos de idade. Ainda no curso de Arquitetura da Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1948³, conquista registro do seu projeto para o Country Club de Petrópolis em

¹ Sergio Bernardes aponta que “a concepção inicial dos Bairros Obreiros, exposta em 1957, cristalizou-se ao longo desses anos, nas diretrizes básicas a que decidimos chamar de *Rótulas Nacionais e Células Urbanas SA – parâmetros básicos para regular as vinculações entre o Estado e os indivíduos, e destes entre si, no campo da utilização dos solos urbanos*” (BERNARDES, 1975, p. 21). Para a condução dessas discussões criou o Laboratório de Investigações Conceituais (LIC) como estrutura anexa e complementar ao seu escritório – Sergio Bernardes Associados (SBA) – como forma de gerir as discussões conceituais, baseado em um triplice compromisso com a realidade: atitudes perceptiva, criativa e sistematizadora (LIC-SBA, 1977).

Das questões referentes aos Bairros Obreiros surgirão o Plano Piloto para a favela do Irajá (Rio de Janeiro, 1959), Plano Diretor das Favelas com Relação ao Desenvolvimento Global (1960) e a execução do Conjunto Habitacional Maria Cândida Pareto, no bairro do Humaitá (Rio de Janeiro, 1978).

² Ao contrário do sentido de não-lugar, referente à “utopia”, Bernardes acreditava na “eutopia” como pensamento realizável ou, no sentido literal, local onde se desenvolve um modo de vida ideal.

³ A exposição *Brazil Builds* é datada de 1943, motivo pelo qual não há qualquer menção a Bernardes nessa publicação iniciática da arquitetura brasileira.

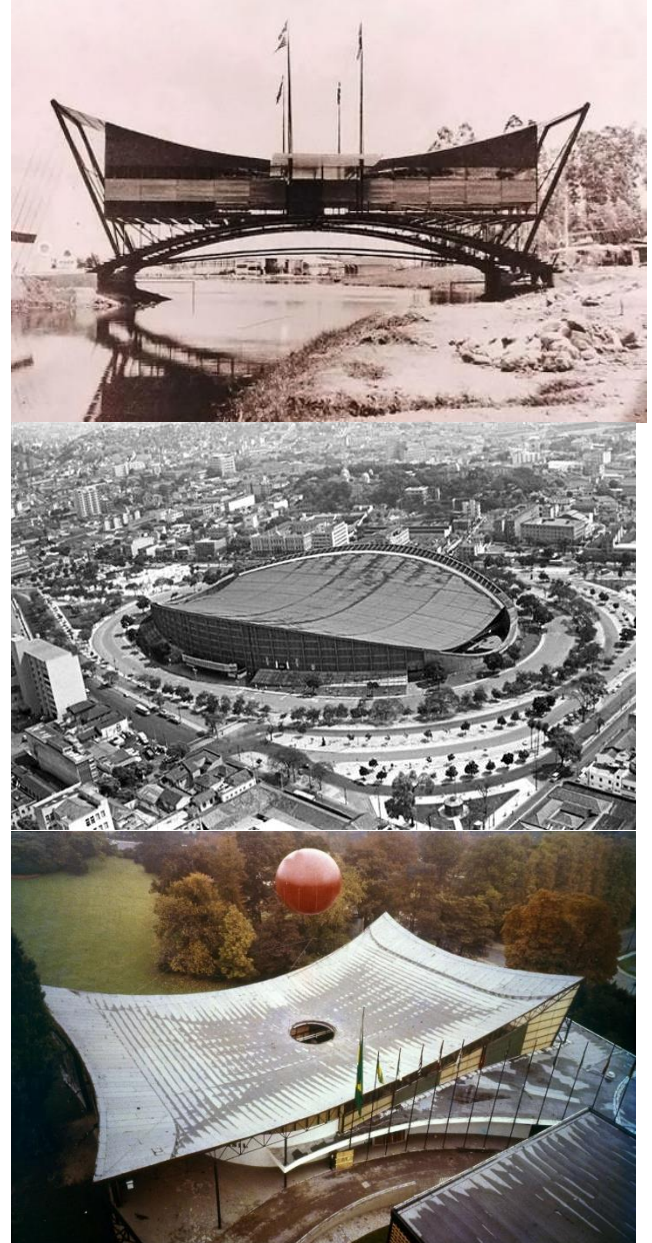
número especial da revista *L'Architecture d'aujourd'hui*, dedicado à nova arquitetura brasileira (BERNARDES ARQUITETURA, s/d).

A historiografia canônica registra Bernardes como um arquiteto de residências para a elite carioca, acrescido de uma produção monumental e utópica.

Quando Sergio Bernardes, que tinha quarenta anos na época, pensou, em 1960, em instalar seu escritório de arquitetura e sua casa numa ponta rochosa da Avenida Niemeyer, em plena costa selvagem da metrópole carioca, sua reputação já estava solidamente estabelecida **por causa das várias casas que construiu no Rio e em Petrópolis** (BRUAND, 2012, p. 289, grifo nosso)

Essa imagem, senão equivocada, é restritiva quanto às preocupações projetuais de Bernardes. Suas casas eram, de fato, referenciais. Henrique Mindlin

Figura 2: Pavilhões de Sergio Bernardes, década de 1950.



Fonte: Archidaily.

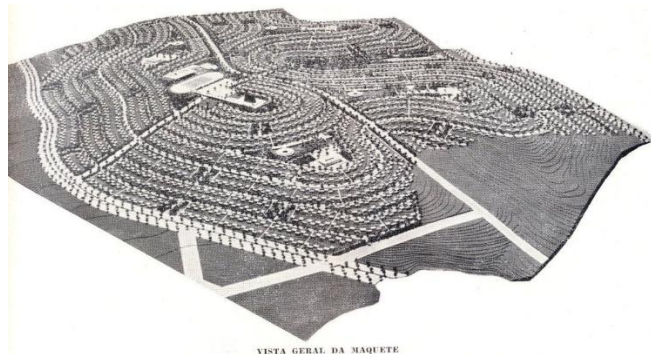
(1999)⁴ já havia antecipado algumas dessas residências, como a casa de Jadir de Souza (1951), casas de campo de Guilherme Brandi (1952) e a icônica residência de Lota de Macedo Soares (1953). Contudo Bruand ignora na produção de Sergio Bernardes algumas obras relevantes, como o Sanatório de Curicica/RJ (1952), o projeto urbanístico da Cidade Jardim Eldorado (Figura 1), localizado em

⁴ Na nota do autor, ele destaca que o livro foi concebido “como um suplemento ao livro *Brazil Builds (...)* decidiu-se mais tarde incluir aqui alguns dos exemplos mais importantes ali mostrados anteriormente” (MINDLIN, 1999, p. 21). Nessa mesma nota, Mindlin indica possuir certa amizade com Lotta Soares e Elisabeth Bishop, destacando agradecimentos. À primeira “que me permitiu

usar o magnífico estúdio de sua casa em Samambaia, a Elisabeth Bishop, que traduziu para o inglês o original em português da introdução e dos primeiros comentários dos exemplos, sacrificando um tempo que seria melhor empregado no seu próprio trabalho, visto que sua poesia lhe valeu o Prêmio Pulitzer de Poesia de 1956” (IDEM, ibidem).

Contagem/MG⁵ (1954), os pavilhões (Figura 2) de Volta Redonda, em São Paulo (1954), o de São Cristóvão/Rio de Janeiro (1957) e Pavilhão Brasileiro da Feira Internacional de Bruxelas (1958) como parte do seu processo⁶.

Figura 1: Jardim Eldorado, Contagem/MG, década de 1950.



Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.

Richard Buckminster Fuller (1895-1988), o Archigram⁷ ou os metabolistas japoneses⁸, na ponta de lança da crítica da modernidade no pós-guerras. Sergio Bernardes apostou a sua vida no seu fazer. Escreveu

em 1968⁹ carta definitiva que aponta seus caminhos e inquietudes.

Muito além de um discurso moderno, Sergio Bernardes experimentava diálogos com produções e arquitetos diversos, além dos brasileiros¹⁰, como

Pretendo dedicar minha vida, à minha obra, pela minha terra, pela minha gente! **A escala do que pretendo fazer é muito grande, o que torna meus problemas muito pequenos.** Representei muitos anos, no mesmo teatro a mesma peça com os mesmos cenários, com o mesmo público, com os mesmos artistas, com a mesma estrela. Estou farto de representar. Serei autenticamente eu e minha sensibilidade. Nego que o passado participe do presente. Rompo num estado de absoluta coerência comigo mesmo, com a instituição do casamento. Ninguém é imprescindível a ninguém, só a si mesmo. (BERNARDES, 2014, grifo nosso)

Bernardes está nesse momento atento a questões abrangentes. Isso já se antecipa na edição¹¹ especial da Revista Manchete¹², com o projeto Rio do Futuro¹³. Contudo esse semanário traz outras informações, como projetos de aeroportos¹⁴, edifícios

⁵ Bairro construído para a Companhia Importação, Exportação e Vendas S.A (COMPAX), localizada no município de Contagem/MG, à época, Belo Horizonte. Em 1912, sob o mesmo parâmetro concebido por Ebenezer Howard, foi implantado em São Paulo a empresa "City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited", responsável pela urbanização de importantes bairros paulistanos, como Jardim América, Anhangabau, Pacaembu, Alto de Pinheiros, Bela Aliança, Lapa, Pirituba e City Butantã. Alguns destes bairros, inclusive, foram projetados por dois urbanistas ingleses, Barry Parker e Raymond Unwin (Fonte: <https://saopauloantiga.com.br>). No Rio de Janeiro, em 1930, Alfred Agache propôs que fossem construídas duas cidades-jardim, uma na Ilha do Governador e outra em Paquetá. Nas conferências que fez no Rio, em 1927, discorreu sobre o modelo.

⁶ Outros grandes projetos estavam em fase de finalização, como o Tropical Hotel Tambau, João Pessoa/PB.

⁷ Archigram, grupo de arquitetos ingleses formado por Peter Cook, Ron Herron, Warren Chalk, Dennis Crompton, David Greene e Mike Webb.

⁸ Em 1960 é criado o Grupo Metabolistas, com Kisho Kurokawa, Kiyonori Kikutake, Fumihiko Maki, Masato Otaka entre outros. Rubem Braga, comentando sobre a Bienal de São Paulo de 1957 aponta: "Assistindo, outro dia, à projeção de fotografias coloridas de um grande arquiteto japonês que nos visitou, Sergio Bernardes comentou baixinho, a certa altura: 'Ih, esse cara aí vai dar muita cria no Brasil...'" (BRAGA, Rubem. A pintura começa aos 60 e outras reflexões entre goteiras. In Revista Manchete, ed. 286, p. 56, 1957).

⁹ Carta de despedida para sua ex-esposa, enviada de Nova York, datadas de 2 de novembro de 1968, lida no filme "Bernardes" (2014), de onde foi transcrito o trecho.

¹⁰ Oscar Niemeyer, em 1983, reafirma essa relação entre os arquitetos modernos brasileiros no seguinte trecho: "Era um ponto de reunião e a ele compareciam constantemente o Joaquim Cardoso, Vinícius de Moraes, Luiz Jardim e outros. Tínhamos o escritório ao lado do Sergio Bernardes e com ele, Helio Uchoa, Reidy, José Reis, Jorge Moreira, Walter Lopes, Galdino Duprat, com Di Cavalcanti, repartíamos como irmãos nossas alegrias e tristezas. Mas o problema da arquitetura sempre nos empolgava. Era a nossa pequena cruzada de arquitetos.", Revista Manchete, edição 1629, 1983, p. 46.

¹¹ Por uma questão prática, as revistas do tipo magazines e jornais constarão em notas de rodapé com as descrições de edição, ano e página, contudo a fonte a que se referem é a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, de cujo acesso foram retiradas as informações.

¹² Semanário carioca, criado por Adolpho Bloch, editada entre 1952 e 2000. Em 1952, na edição nº 33, ele já era apontado como um grande arquiteto brasileiro, ao lado de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Irmãos Roberto, Alvaro Vital Brasil, Jorge Moreira, Alcides Rocha Miranda e Aldary Toledo. No artigo intitulado Brasil potência arquitetônica há um trecho atribuído a Sergio Bernardes: "havendo liberdade de forma e de estilo, todos os detalhes de valor da arquitetura antiga podem ser aproveitados nas construções modernas, naturalmente dentro de uma técnica e uma estética determinada. O emprego de tais detalhes, contudo, não significa inspiração nem tendência saudosista, mas uma contribuição do que era belo e necessário à função de uma residência. E que não poderá ser ultrapassado jamais".

¹³ Revista Manchete, edição 678, de 17 de abril de 1965.

¹⁴ Na Revista Manchete (edição 660, 1964, p. 115) há o registro de que "em 1960, o ex-Presidente Juscelino Kubitschek enviou ao Congresso mensagem solicitando a abertura de crédito especial de Cr\$ 2 bilhões para construção de um moderno aeroporto em

residenciais¹⁵ e conjuntos residenciais¹⁶, galerias de arte¹⁷, clubes¹⁸, planos industriais¹⁹, conjunto hoteleiro²⁰ e de turismo entre outros e tantos já citados anteriormente. Sobre as residências de Niemeyer e Bernardes, tidas como “autênticas obras de arte”, tem-se como registro que “O papa da arquitetura moderna, Le Corbusier, declarou que a casa construída por seu colega brasileiro Sergio Bernardes era ‘digna de um livro’. Mas seu arquiteto e morador desejava, antes de tudo, que ela fosse digna do próprio Sergio Bernardes.”²¹

Em meados da década de 1960 passa a surgir uma profusão de projetos apoiados em financiamentos e programas de incentivo fiscal (SUDENE, BNH e outros), articulados com a política desenvolvimentista do período, onde a arquitetura moderna assumia ainda maior protagonismo, e o início da atenção à produção dos arquitetos paulistanos. Especificamente sobre Sergio Bernardes, seu nome é associado à imagem qualitativa de projetos e obras, com expressões com o aposto “projeto de Sergio Bernardes”²² ou “amigo de Sergio Bernardes”²³.

Em suas buscas, Bernardes viaja para ampliar seu processo de compreensão da modernidade, em franca mudança em meados do século XX, mas também para buscar parcerias para a viabilização dos projetos. As inquietudes de Bernardes se refletirão em sua produção, a partir de questões ampliadas, que nos

faz indagar o quanto este pode ter contribuído para a elaboração dos Planos de Desenvolvimento para a Amazônia do período.

MODERNO NA AMAZÔNIA

Podemos afirmar que a modernidade amazônica é uma imagem que antecede a linguagem da arquitetura moderna. O ideário de conquista e de inserção de progresso exógeno à região se fez de forma objetiva, em vários momentos. Como estética se apresenta de forma objetiva a partir de meados do século XX. Assim temos as décadas de 1940 e 1950 como período inicial da chegada do Moderno na Amazônia, sob a inspiração do movimento que já estava se consolidando no Brasil (GOODWIN, 1943), tanto por projetos institucionais vindos de outros centros, quanto pelo traço de engenheiros e construtores locais que darão, especialmente através de projetos residenciais inspirados em modelos exógenos sua a feição plástica (SOBRAL, 2002), entre 1943 e 1945, muito por consequência dos progressos técnicos advindos das guerras mundiais. O ideário de cidade moderna, sob os auspícios da política norte-americana para as Américas, trará consequências para a Amazônia, no que Chaves (2017) aponta como um aspecto unificador das ideias de modernidade e modernização, ainda entre as décadas de 1930 e 1950.

Brasília, projetado por Sergio Bernardes. Somente agora a mensagem chegou às mãos do Deputado Arnaldo Nogueira, relator, que se dirigiu ao ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Nelson Vanderlei, sugerindo que ele solicite o aumento daquela verba já que hoje insuficiente para custear a obra”.

¹⁵ Murtinho Nobre (Copacabana/RJ, 1954)

¹⁶ Revista Manchete, edição 573, de 1963, apresenta dois edifícios residenciais de pequeno porte, além da casa de Sergio Bernardes, da avenida Niemeyer, denominados “conjuntos residenciais” em grande matéria assinada por Ricardo Menescal sob o título “O Brasil cresce moderno”.

¹⁷ Petite Galéry (1960), em Ipanema, Rio de Janeiro/RJ (Revista Manchete, edição 446, 1960, p. 9), foi um espaço cultural importante, tendo filial em São Paulo/SP inaugurada um ano depois (Revista Manchete, edição 504, 1961, p. 52).

¹⁸ Bandeirantes Praia Clube (1962), recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro/RJ. (Revista Manchete, edição 537, 1962, p. 34-36), Clube de Regatas Jaó (IDEM, edição 776, 1967)

¹⁹ Cidade Industrial da White Martin, no Nordeste (Revista Manchete, edição 732, 1966, p. 108), Companhia Baiana de Cervejas (IDEM, edição 770, 1967, p. 110), Centro Industrial de Aratu (IDEM, edição 778, 1967, p. 100)

²⁰ Conjunto Hoteleiro Alpha, Guarapari/ES (1967).

²¹ “As mais belas residências do Rio”. Revista Manchete, edição 686, 1965, p. 56. Nessa matéria tem-se ainda a residência do cirurgião plástico Ivo Pitanguí (1953), também de autoria de Bernardes.

²² Se utiliza desse expediente o Touring Clube do Brasil, a Companhia Industrial de Filmes (DUFIL).

²³ Jacques Martins, diretor-geral da Air France para a América do Sul, primeiro francês a receber a Ordem do Rio Branco, em 1967, possui esse atributo em matéria da Manchete, entre outros.

Podemos destacar desse contexto o plano urbanístico para a cidade de Boa Vista²⁴, em meados da década de 1940, e a construção do edifício Manoel Pinto da Silva em Belém/PA, coroando o período, inserindo o arranha-céu no cenário amazônico, com seus portentosos vinte e seis pavimentos, no ano de 1960. Pela ausência da formação de profissionais arquitetos na Amazônia até a década de 1960, podemos creditar a abertura de condições para a atuação de arquitetos e projetos exógenos, ou de engenheiros civis. A partir da inauguração de Brasília e das políticas de integração nacional, o avanço sobre a região, dita inexplorada, passa a ser importante mote para o desenvolvimento nacional. Assim surgem os grandes projetos, tanto de abertura de rodovias quanto econômicos de exploração e assentamento, que farão surgir, a exemplo da precursora intentona de Henry Ford, várias *company towns*, como a Serra do Navio, no ainda inexistente estado do Amapá.

O imaginário de progresso e o ideário de integração pela presença do Estado e por vias de fluxos (comunicação, economia e estradas) tornam-se importantes discursos nas décadas pós-Brasília. A relação entre a produção desse período e a propaganda é bastante íntima. Tanto jornais quanto em revistas importantes é presente o discurso do período desenvolvimentista²⁵, no qual Sergio Bernardes e

outros arquitetos²⁶ irão propagar suas obras. Como é praxe, nesse período também surgirão projetos que não serão construídos, como o Palácio Rui Barbosa, em Manaus (Figura 3).

Figura 3: Divulgação de projeto do Escritório de Severiano Mário Porto, 1969.



Fonte: Jornal do Comércio.

Entre vários programas, o campo do Turismo como atividade econômica se torna uma perspectiva estratégica para o desenvolvimento local²⁷ ao longo da década de 1970, com a inserção do incentivo fiscal. Neste contexto um conglomerado que possuía a Viação Aérea Riograndense (VARIG) como principal acionista, irá promover a inserção de uma rede hoteleira em todo o Brasil – a Rede Tropical de Hotéis – iniciando com a implantação do Hotel Tambaú em João Pessoa/PB²⁸. Na região amazônica serão implantadas várias unidades dessa Rede, mas será o

²⁴ Atual capital de Roraima que, à época ainda era pertencente ao estado do Amazonas.

²⁵ Para exemplo, o Jornal do Comércio fixa como manchete principal da edição 20029, de 18 de fevereiro de 1969, “Determinação do Governo é de ocupar a Amazônia a todo custo”.

²⁶ Destacamos entre esses Severiano Mário Vieira Porto e seu escritório com Mário Emílio Ribeiro, com sedes em Manaus e Rio de Janeiro.

²⁷ Importante registro: os Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDAs) inserem “um gênero de política planejada que reinventa a região, quer como fronteira agrícola I PDA-1972-75, quer como fronteira agromineral II PDA-1975-79” (NAHUM, 2012). Apenas nos PDAs de 1992-950 e 1994-97 que se inserem os temas da biotecnologia, do ecoturismo e do desenvolvimento sustentável. Muito embora não seja o ponto focal dos Planos, Andrade e Tavares (2012) destacam que a “iniciativa de turistificação” entre 1964 e 1985 baseia-se na “intervenção estatal, a formação de redes e a indução da mobilidade [que]

representavam as estratégias geopolíticas de integração amazônica. Neste contexto surgem as estradas, a modernização das infra-estruturas aéreo/portuárias e os incentivos fiscais. Consequente, sua abertura para o mundo se fortalecia com o fenômeno turístico, possibilitando a mobilidade de pessoas e capitais”.

²⁸ Pouco se fala dos outros hotéis da rede, mas coletamos a informação que “o arquiteto carioca Sergio Bernardes (1919-2002) responsável por vários projetos, como o Tropical Hotel de Recife (1968-não construído), o Tropical Hotel Tambaú (1962) e o Tropical Hotel de Manaus (1963-primeira proposta, 1970-segunda proposta).”; “A princípio, a Companhia passou a arrendar hotéis já construídos, como foi o caso do Hotel da Bahia, em Salvador e o Hotel Internacional dos Reis Magos em Natal, ambos com feições notadamente modernistas e projetados por arquitetos de formação moderna.” (PAIVA, R. ; DE PAULA, P. ; MACIEL, V. 2016, p. 1 e 4, respectivamente).

Hotel Tropical de Manaus a importante contribuição projetual de Sergio Bernardes.

PROJEÇÕES DE BERNARDES E SUA INSERÇÃO NA AMAZÔNIA

Nosso problema não é mais de como fazer (*know-how*), mas de por que fazer (*know-why*).
Sergio Bernardes

A biografia de Bernardes apresenta um ponto de inflexão importante, no final da década de 1960, quando “o desejo de aplicação da tecnologia a favor da anticonvencionalidade, tendência que dominaria, cada vez mais, o futuro de seu trabalho” (CAVALCANTI, 2004, p. 40) o levará ao encontro de Richard Buckminster Fuller (Massachusetts/EUA, 1885-1983).

Bucky, como era chamado, conhecido como o criador da estrutura geodésica e um dos expoentes da Contracultura o influenciará, especialmente quanto a “alcançar a melhora do ser humano através da mudança no meio ambiente e não no homem em si” (FULLER, apud CAVALCANTI, 2004, p. 52), isso é, introduzindo uma concepção humanista, de caráter holístico e planetário, ao que denominou “terrismo”.

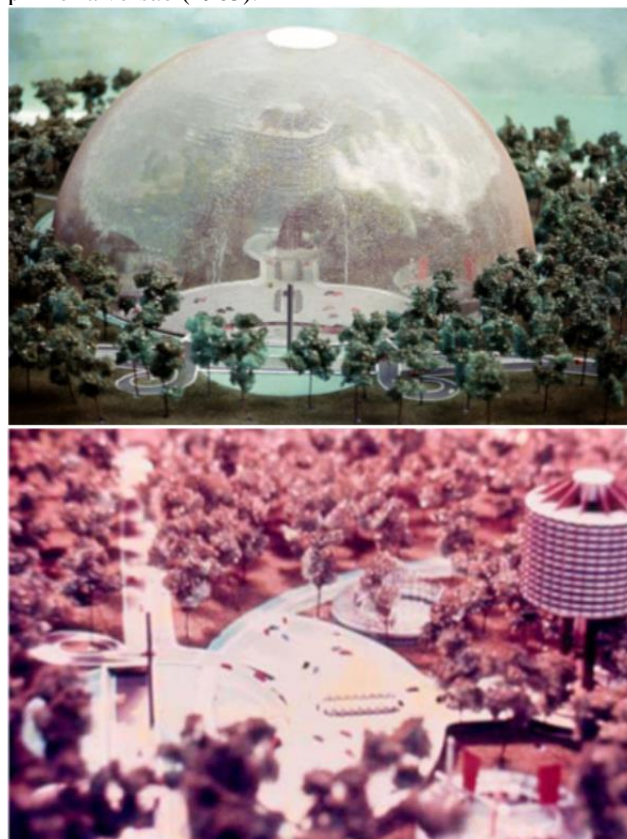
Sergio resolve se dedicar a modernizar o moderno (...) a obra arquitetônica isolada cede lugar a pesquisas de materiais e sistemas, invadindo terreno tradicionalmente pertencente à esfera política e econômica da concepção de novas organizações da sociedade (CAVALCANTI, 2004, p. 53).

Para Bernardes, terrismo se traduziria como “a ditadura da Terra (...) a percepção dualista do uso da natureza e do serviço prestado por ela” (GUANAES, 2016, p. 19) a partir de uma perspectiva macro do que Buckminster Fuller denominaria de Espaçoave Terra. Para Bernardes, mais do que a perspectiva proposta por Kenneth Frampton como arquitetura de resistência ou regionalismo crítico, o *terrismo* se apresenta articulado aos biomas, em escala planetária, isso é,

(...) a partir desses recortes [sistêmicos, baseados na hidrografia, geomorfologia e biogeografia] e através de análises geográficas que identificam suscetibilidades e serviços ambientais em diferentes escalas, em contraposição aos potenciais de transformação da Terra por trabalho que propicie qualidade de vida. (GUANAES, 2016, p. 21)

Esse processo conduzirá, já em meados da década de 1970, à criação do Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), com a função de “desenvolver novos conceitos em harmonia com os que surgiram do desenvolvimento científico e tecnológico” (LIC-SBA, 1977, p. 1). Contudo esses princípios e inquietações já se antecipam nos projetos para a região amazônica.

Figura 4: Imagens da maquete do Hotel Tropical de Manaus, primeira versão (1963).



Fonte: Projeto Memória – Bernardes Arquitetura.

Em relação à sua incursão amazônica, Sergio Bernardes é lembrado pelos projetos do hotel não edificado, em Manaus (Figuras 4 e 5), contudo pouco se diz sobre o seu papel na condução da empreitada.

Entre 1969 e 1971 destacamos duas matérias do Jornal do Comércio:

Figura 5: Imagens da maquete do Hotel Tropical de Manaus, segunda versão (1970).

Fonte: Projeto Memória – Bernardes Arquitetura.

Hotel na selva amazônica tem seguro financiamento

Ao retornar de Nova Iorque, o arquiteto Sergio Bernardes anunciou que o seu revolucionário projeto de construção de um hotel em plena selva amazônica, a 7 quilômetros de Manaus, já tem financiamento no valor de US\$ 15 milhões, devendo ficar pronto dentro de 27 meses.

(...)

Segundo o arquiteto, o ‘Hotel de Manaus’ pertence a um consórcio brasileiro lid[e]rado pela Varig, sendo o primeiro no mundo a não ter janelas, nem equipamento de ar condicionado, com seus 432 quartos situados acima das copas das árvores, numa altura de 150 metros. (...) O financiamento foi obtido junto ao ‘*Development Financial Corporation*’, a juros baixos. (Jornal do Comércio, 1969, edição 20009)

Sergio Bernardes tratou em Paris do projeto já aprovado para a construção de um grande hotel em Manaus – Hotel Tropical – localizado na Ponta Negra. (...) O arquiteto participou de várias reuniões sobre os pontos básicos do projeto e ainda vai acertar com a VARIG, que detém 60% das ações, os últimos detalhes do empreendimento. (Jornal do Comércio, 1971, edição 20669)

Somente por essa empreitada poderíamos admitir o envolvimento pessoal de Sergio Bernardes na articulação e na consolidação de uma estratégica política de promoção econômica por meio da indústria turística, associado ao desejo de “modernizar o moderno” de forma incisiva. Contudo, a ideia de monumentalidade da arquitetura já não é parte de sua concepção. A perspectiva holística do arquiteto o leva a inquietações projetuais, dentro de um sistema mais complexo e conceitual.

“O mal-estar de viver no feio me faz produzir coisas belas”, teria dito Bernardes²⁹, porém a ideia se projeta além disso, na proposição de uma arquitetura invisível, que ele já havia experimentado com o Hotel Tambaú. À “função da arquitetura [que] passaria a ser não a de embelezar a paisagem, abordagem

decididamente passadista aos seus olhos, mas de não



enfear” (BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p. 113) soma-se a escolha de “pontos geográficos estrategicamente eleitos” (BERNARDES, 1975, p. 31) para o desenvolvimento de seus planos. Nesse sentido se destaca o edifício da Prefeitura de Caracarái (Figura 6), cuja localização se apresenta de forma estratégica e consonante com os planos-macro (Figura 7) propostos por Bernardes/LIC (NASCIMENTO, 2018), tal como os denominados Projeto Brasil e Modelo Hidráulico da Amazônia (Figuras 8 e 9), sendo um marco simbólico de seu pensamento complexo.

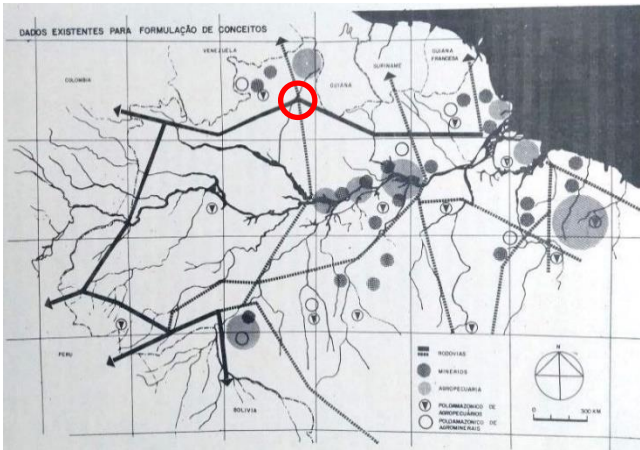
Figura 6: Prefeitura de Caracarái/RR, projeto e execução do fim da década de 1970

²⁹ Frase atribuída a Sergio Bernardes (CAVALCANTI, 2004, p. 74).



Fonte: Portal Roraima 1.

Figura 7: Modelo Hidráulico da Amazônia – marcação da localização de Caracará/RR.



Fonte: LIC-SBA, 1977, p. 33

Importante detalhe a se destacar é que, entre as cidades que receberam a atenção projetual de Bernardes, apenas Caracará não se caracteriza como capital, quer de Estado, quer de Território Federal, à

Tabela 1: Registros de obras de Sergio Bernardes na Região Norte.

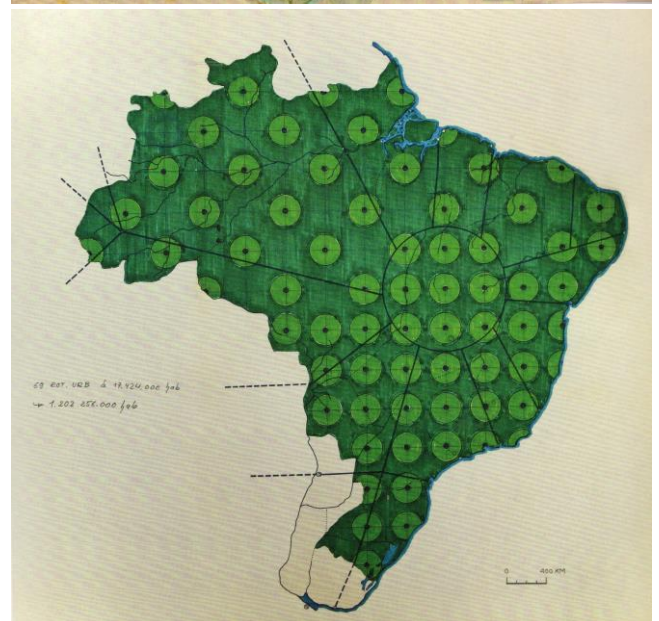
ESTADO	REGISTRO	ANO
AMAZONAS	Hotel Tropical de Manaus – primeira versão	1968
	Hotel Tropical de Manaus – segunda versão	1971
	Rótula dos Tatumás	1974
	Novo Porto de Manaus	1974
	Projeto de ocupação da Amazônia na região dos igarapés	s/d
	Loteamento Parque do Japiim – Conj. Habit. dos Trabalhadores	1983
	Parque 40	1983
PARÁ	Companhia de Telefones do Município de Belém - COTEMBEL	1968
	Cotelpa – Edifício Sede da Diretoria Administrativa	1973
	Telepasa – Edifício da Administração em Belém	1974
	Telepará – Edifício da Administração em Belém	1975
	Terminal rodoviário de cargas da região metropolitana de Belém	1981
RORAIMA	Centro Cívico de Caracará	1976
	Mercado Municipal de Caracará	1976
	Estação rodoviária de Caracará	1976
	Prefeitura Municipal de Boa Vista	1976
	Praça Cívica de Boa Vista	1976

Fontes: MURIEL (1980), BERNARDES (2017) e NPD-UFRJ (2021).

época. Assim temos que, de acordo com fontes de informações que se somam durante a pesquisa, um acréscimo substancial sobre projetos e/ou obras de Bernardes na Região Norte, tanto em Belém/PA, Manaus/AM e Boa Vista/RR quanto Caracará/RR (Tabela 1).

Entre os projetos conhecidos até então, apenas a Prefeitura de Caracará se caracterizava como obra construída na região norte. O avanço da pesquisa tem indicado que o Edifício-Sede do BASA (Figura 10),

Figuras 8 e 9: Modelo Hidráulico e Projeto Brasil-Rótulas Nacionais.



Fonte: BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p. 122-123.

em Belém/PA, embora não conste na coleta documental, apresenta fortes indícios de sua autoria

Vinte e três pavimentos, fachada em concreto e vidro ‘ray-ban’, assim é o prédio, em fase final de construção, que o Banco da Amazônia ergue na cidade de Belém, para servir à agência central. O projeto e autoria da equipe do arquiteto Sergio Bernardes. Na cobertura haverá um heliporto, disporá de subestação elétrica própria e um sistema de resfriamento indireto total. Outro aperfeiçoamento a ser empregado é a situação da caixa-forte, em tal disposição que permitirá a entrada do próprio carro blindado (Jornal do Comércio, edição 20006, 1969)

Esse edifício, inexistente nas referências documentais, surge como um enigma, visto que a descrição de seus atributos e o registro taxativo de autoria indicam serem claramente confiáveis³⁰ e, reafirmando, uma visita breve *in loco* verificou-se a existência dos itens listados na nota do Jornal do Comércio, como um heliporto, algo improvável para as demandas de um projeto na década de 1970 em Belém. Ademais, importante apontar, o Banco da Amazônia se constitui em uma instância de fomento que se insere como agente financiador das políticas públicas para a região, desde os tempos da política de incentivo a um novo capítulo da economia gomífera. nos anos 1940³¹, até a consolidação de seu papel de agente financeiro do Fundo de Investimento da Amazônia (FINAM), administrado pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

Figura 10: Edifício-sede do Banco da Amazônia, Belém/PA, década de 1970.



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE

Outro projeto (ou conjunto de projetos) que necessita averiguação trata da política de comunicação, isso é, COTEMBEL e outros, em Belém/PA. Um registro memorial apresenta elementos de descrição técnica que vão ao encontro desse caráter inovador de Bernardes:

O prédio da Cotembel, a companhia telefônica de Belém (que desapareceu sob a Cotelpa e, depois, a Telepará, em seguida Telemar, por fim Oi), iniciado em 1969 e concluído no ano seguinte, foi o primeiro na cidade, com parte em estrutura metálica e parte em concreto armado.

Quem fez a parte metálica foi a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), de Volta Redonda. Na Dr. Moraes, entre Nazaré e Braz de Aguiar, foi projetado para 12 andares, os três primeiros destinados a abrigar estações telefônicas. Nessa época, no centro da cidade, só faltava canalização subterrânea na Presidente Vargas e na Assis de Vasconcelos (PINTO, 2021).

Acreditamos que identificaremos outros registros como obras construídas, na medida em que debruçarmos sobre outras fontes³² como o NPD-

³⁰ Para tanto já se iniciaram contatos com as instâncias referentes no Banco da Amazônia, em Belém/PA.

³¹ Trata do período da promoção de imigração nordestina, dos ditos Soldados da Borracha, em plena 2ª Guerra Mundial, no cômputo dos Acordos de Washington. Criado pelo Decreto-Lei nº 4.451, de 9 de julho de 1942 com o nome de Banco de Crédito da Borracha, passando a se chamar Banco de Crédito da Amazônia S.A, em 1950; Banco da Amazônia, em 1966 e recuperando o uso da sigla

BASA a partir de 2019. Dados disponíveis em <https://www.bancoamazonia.com.br>.

³² Inclusive documentais, do acervo de Sergio Bernardes, sob a guarda do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NPD-FAU-UFRJ), tão logo o arquivo esteja acessível, visto ter, o NPD, sofrido consequências de um sinistro de incêndio ocorrido em 20 de abril de 2021.

UFRJ³³ e as documentações relacionadas aos respectivos órgãos locais.

Contudo, boa parte de seus projetos jamais saiu do papel. Sérgio Bernardes estudou por mais de 40 anos uma nova divisão político-administrativa para o Brasil, baseada em seus rios. Fez um levantamento detalhado de dados físicos, geológicos e hidrodinâmicos desses rios, bem como de dados sociais, econômicos e ambientais das regiões do país. Dividiu então o Brasil em 17 ilhas, localizando cidades e zonas de produção em pontos estratégicos de desenvolvimento e deixando áreas definidas para preservação. Elaborou também as chamadas Células de Informações Submarinas, módulos de pesquisa aquática e controle da costa brasileira, além do projeto Hexágono, elementos construtivos modulares de fácil montagem e transporte que poderiam ser utilizados tanto em assentamentos para atender vítimas de catástrofes naturais quanto em construções temporárias em locais de difícil acesso. (BECKHEUSER, 2020)

Portanto, além dos elementos de caráter revolucionário para a época, listados anteriormente e diante da biografia profissional de Sergio Bernardes, não seria incongruência considerar que a autoria o Edifício-Sede do Banco da Amazônia, em Belém seja sua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acorda, homem! Habitante do
Planeta Azul,
radicado no Brasil, como
tantos outros.

Acorda, Homem!
Sergio Bernardes, anos 1980

As vivências de modernidade na Amazônia, impulsionadas pelos grandes projetos econômicos de exploração e colonização das décadas de 1970 e 1980 são marcos históricos e físicos, que conformaram os espaços rurais e urbanos da região, memórias ainda vívidas, com consequências marcantes, de contrastes e lutas (CHAVES, 2017). Podemos prosseguir a análise entendendo essa condição de choque, de inserção de valores e modelos exógenos, assim como a imposição

de uma estética e ética de viver urbanos. Sem acrescentar algo novo, a Arquitetura sempre esteve à mercê do poder, seja por seu patrocínio, seja por seu referendo, o que é claramente visível nas várias fases da arquitetura e urbanismo amazônico, cujas ondas são mais alongadas.

Em relação à produção de Sergio Bernardes, carioca e apreciador do mar, a compreensão de sua modernidade ~~ia~~ em sentido oposto à imposição de modelos, em respeito ao Humano: “Bernardes propunha que esse homem fosse entendido no ambiente do contato. ‘Nós somos um binômio de solidão e curiosidade’. Uma ponte limpa que nos faz ir em frente seria uma característica intrínseca do humano” (GUANAES, 2016, p. 15). Desta forma, sua arquitetura, ou ainda, suas concepções para os espaços, deveriam ser elementos de conexão, metodicamente elaborados e propostos, mas que permitissem a dinâmica da vida, em seu caráter pessoal.

Percebemos nesse pensamento de Bernardes, ao qual ele elabora especialmente a partir da criação do LIC uma congruência com o de Buckminster Fuller, ao qual o brasileiro denominará *terrismo*, isso é, o protagonismo do humano e de seu meio, em detrimento das predisposições tipicamente corbusianas. “A criatividade na construção de uma simbiose entre o humano e o natural se tornaria o meio de ocupar o espaço de forma sistêmica, diferenciada e sustentável” (GUANAES, 2016, p. 20). Portanto a concepção de edifícios como o Hotel Tropical de Manaus, a Prefeitura de Caracaraí ou mesmo a sede do Banco da Amazônia manifestam elementos da autonomia do humano na paisagem, quer por sua simbiose (como nos dois primeiros exemplos), quer

³³ A jornalista Kykah Bernardes (2018) escreveu sobre o acervo de Bernardes no NPD-UFRJ.

pela dotação de meios além do padrão de época (como o heliponto no BASA), como unidades autogeríveis.

Esse carioca, ao se inserir na região amazônica, o fez de acordo com suas premissas, respeitando o lugar e implantando elementos que garantiriam a promoção e o desenvolvimento, sob os parâmetros locais. Ainda haverá descobertas, de certo, sobre o traço e a condução do navio³⁴ de Bernardes através das vias fluviais de seu Modelo Hidráulico na Amazônia afim de despertar para esse arquiteto tão relevante para a arquitetura brasileira .

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Terence Keller; TAVARES, Maria Goretti. **O projeto de integração Amazônica visto pela turistificação dos lugares**. Confins [Online], n. 14, 2012. Disponível em <http://journals.openedition.org/confins/7466> Acesso em jan. 2022.
- ARQUITETURA E ENGENHARIA**. 31 da Revista Arquitetura e Engenharia em 1954.
- BECKHEUSER, João Pedro. **Sergio Bernardes: sob o signo da aventura do humanismo**. São Paulo: Revista Projeto, 2 de abril de 2020. Disponível em <https://revistaprojeto.com.br/acervo/sergio-bernardes-sob-o-signo-da-aventura-e-do-humanismo-por-joao-pedro-backheuser/> Acesso em julho de 2021.
- BERNARDES ARQUITETURA. **Projeto Memória – Sergio Bernardes** (site). Disponível em <https://www.bernardesarq.com.br/projeto-memoria/sergio-bernardes/> Acesso em jan 2022, s/d
- BERNARDES, Kykah. **Memória da arquitetura moderna brasileira**. Sobre a conservação dos acervos de Sergio Bernardes e outros arquitetos cariocas. *Drops*, São Paulo, ano 19, n. 132.02, Vitruvius, set. 2018 Disponível em <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/19.132/7102>>. Acesso em julho de 2021.
- BERNARDES, Kykah; CAVALCANTI, Lauro (orgs). **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: Artviva Editora, 2010.
- BERNARDES, Sergio. **Cidade. A Sobrevivência do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Guavira, 1975.
- BERNARDES, Sérgio. **Curriculum Vitae (até maio de 1991)**. documento digitalizado, 24 p.
- BERNARDES, Sergio. **Revista Manchete**, n. 678. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 17 de abril de 1965, p. 42-87. Disponível em <http://www.bernardesarq.com.br/memoria/rio-do-futuro>. Acesso jan 2022.
- BERNARDES**. Thiago Bernardes (argumento); Direção de Gustavo Gama Rodrigues e Paulo de Barros (direção). Rio de Janeiro: Rinoceronte Produções, 2014. 92 min., som, formato digital.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CAÚLA E SILVA, Adriana Mattos. **Sergio Bernardes e a utopia como plano de pensamento sobre a cidade**. In, Cadernos Proarq n. 32, 2019, p. 145-161.
- CAVALCANTI, Lauro. **Sérgio Bernardes: herói de uma tragédia moderna**. Rio de Janeiro: Relume Dumar Prefeitura, 2004. (série Perfis do Rio; v. 41)
- CHAVES, Celma. **Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia**. In Revista Amazônia Moderna, v.1 n.1. Palmas: UFT, 2017.
- GOODWIN, Phillip L. **Brazilian Builds: architecture new and old, 1652-1942**. Nova York: MOMA, 1943. 216 p.
- GUANAES, Felipe. **Sergio Bernardes: doutrina de uma civilização tropical**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- HEMEROTECA** Digital Nacional. (site) Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br> Acesso entre junho e agosto de 2021
- LIC-SBA. **Bônus Patrimoniais/Capitalização do Solo Urbano**. Rio de Janeiro: Laboratório de Investigações Conceituais/Sergio Bernardes Associados, 1977
- MARTINS, Elizabete Rodrigues de Campos. **Desenho de uma paisagem carioca no traço de Sergio Bernardes**. In BERNARDES ARQUITETURA. **Projeto Memória: Sergio Bernardes**. (site). Disponível em <https://www.bernardesarq.com.br/projeto-memoria/> Acesso em agosto de 2021.
- MINDLIN, Henrique Ephim. **Arquitetura Moderna no Brasil**. [1956]. Rio de Janeiro, Aeroplano, 199MURIEL, Emanuel. **Contemporary Architects**. London: The MacMillian Press Ltd, 1980.

³⁴ “Navio” era o apelido dado ao edifício, projetado por Bernardes, para abrigar o escritório e o LIC, na Barra da Tijuca/Rio de Janeiro (GUANAES, 2016).

NAHUM, João Santos. **Região e representação: Amazônia nos Planos de Desenvolvimento.** In Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, v. XVII, nº 985, jul 2012. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-985.htm> Acesso em jan. 2022.

NASCIMENTO, Claudia Helena Campos. **Sergio Bernardes em Roraima: utopia real na terra do Eldorado.** In Anais do 7 DOCOMOMO N-NE. Manaus: DOCOMOMO, 2018.

NASCIMENTO, Claudia Helena Campos; CHAVES, Celma. **Entrelinhas impressas: Amazônia de Sergio Bernardes em magazines e jornais.** In Anais do Seminário Internacional Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, 2021.

NASCIMENTO, Claudia Helena Campos; FURO, Arleisson Fernan Pedreira; RAMALHO, Paulina Onofre; OLIVEIRA, Leonardo Rocha. **Caracará e o olhar de Sergio Bernardes sobre Roraima.** In Revista Amazônia Moderna, v.2 n.1. Palmas: UFT, 2018.

NPD-UFRJ. **Listagem de documentos – arquivo de Excell.** Acervo Sergio Bernardes- Universidade Federal do Rio de Janeiro/Projeto Memória (documento digital), 2021.

PAIVA, Ricardo Alexandre; PAULA, Paula Vale de; MACIEL, Vitor Lessa. **Tropical Hotel de Manaus 1965) de Sérgio Bernardes: turismo, utopia e modernidade.** In. Anais do 11º Seminário DOCOMOMO BR. Recife, 2016. (12p)

PINTO, Lúcio Flávio. **Memória – O prédio da telefônica.** Portal Lucio Flávio Pinto. Belém, 24 de julho de 2021 Disponível em <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2021/07/24/memoria-o-predio-da-telefonica/> Acesso em out. 2021.

SOBRAL, Acácio. **Momentos iniciais do abstracionismo no Pará.** Belém: IAP, 2002